

OFICINA DE POESIA

Programa
"Poetas em Residência"
da UC - 2009
Márcio André (Brasil)
Miro Villar (Galiza)

Inéditos de:
Fernando Esteves Pinto
Gabriela Rocha Martins
Paulo de Tarso Porrelli
Pedro Afonso
Susana Miguel
Suzana Vargas
Tiago P. Carvalho

Fotografia de:
João Luís Pinho
Jorge Ruben

Palimage
Imagem Palavra

revista

**Oficina
de
Poesia**

n.º 12
série II

Coimbra
2 0 0 9

Ficha Técnica

| | |
|----------------------|--|
| Directora | Graça Capinha |
| Subdirector | Jorge Fragoso |
| Conselho de Redacção | aNa B, Cristina Néry, Graça Capinha, Jorge Fragoso, Miguel Monteiro Sena, Rita Grácio, Teresa Fonseca |
| Conselho Editorial | Aires Gomes Fernandes, Anselmo Simões, Ana Luísa Carvalho, Bruno Santos, Catarina Costa, Conceição Riachos, Fátima Almeida, Filipe Cravo, Francisca Bicho, João Rasteiro, Lúcia Regateiro, Lília Vasques, Luís Altério, Margarida Amorim, Paulo Pego, Ricarda Melo, Sandra GD, Sandra Guerreiro, Susana Rosa |
| Colaboração especial | Célia Gonçalves, Emiliana Cruz, Fernando Esteves Pinto, Gabriela Rocha Martins, João Guimarães, João Luís Pinho, Jorge Ruben, Márcio-André, Miro Villar, Paulo de Tarso Porrelli, Pedro Afonso, Susana Miguel, Suzana Vargas, Tiago P. Carvalho |
| Propriedade Edição | Oficina de Poesia e Terra Ocre - edições Palimage |
| Capa | Filipe Cravo |
| Apoio | Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES - Laboratório Associado – Cento de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra |
| Contactos | Palimage Apartado 10032 3031-601 Coimbra Tel. / Fax 239087720 palimage@palimage.pt www.palimage.pt |
| ISSN | 1645-3662 |
| Depósito Legal | 222090/06 |
| Execução Gráfica | Palimage / Artipol |



Oficina de Poesia

revista da palavra e da imagem

Palimage
A Imagem e A Palavra

Editorial

Os poetas não têm que ser lidos, da mesma forma que as árvores não têm de ter ninguém a sentar-se-lhes à sombra, quando se trata de transformar emissões sociais venenosas em qualquer coisa que seja respirável. (...) O poder político da poesia não se mede com números; ensina-nos a fazer cálculos de forma diferente.

Charles Bernstein

ainda a imagem da árvore. *oficina de poesia*. ainda os ramos em constante movimento dirigido para fora. *Projecto Oficina de Poesia*. ainda a celebração de lugares desconhecidos. a crescer o saber. a saber crescer. a saber: *Projecto Novas Poéticas de Resistência*. ainda o tronco de raízes múltiplas e mais ou menos subterrâneas porque, ainda e outra vez, a responsabilidade da poesia que, pela perturbação, cria a ruptura na transformação do olhar sobre o mundo. ainda a celebração da(s) complexidade(s), raízes que tocam ramos a desafiar a ordem, a mangar... até das regras da pontuação hierarquizada e do rigor das medições e da lei da gravidade. grave! muito grave! por isso, o eterno diálogo em floresta grande, com os poetas em residência Márcio-André, Miro Villar e outros convidados. floresta grande de vozes de convidados tantos. Paulo de Tarso Porrelli. Fernando Esteves Pinto. Susana Vargas. Gabriela Rocha Martins. Pedro Afonso. Lugares novos de novos poetas nos mapas Susana Miguel. Tiago P. Carvalho. ainda palavra feita acção. sempre a resignificação. a não resignação da linguagem. sempre *poiesis*. sempre

processo. sempre à pequena escala, lugar da linguagem verdadeiramente emancipatória a constituir-se *relação com* em vez de *conhecimento sobre*. a saber: *leituras públicas, oficinas de escrita nas escolas, acções de rua...* no trânsito, em trânsito, à hora de ponta. Em movimento ΟΙΡΑΪΤΗΟΣ.

acreditamos no movimento e no erro, no coxear e no gaguejo... e cremos que há sempre maneira de um caminhar diferente a fugir de um qualquer centro (também de análise). Outra vez a imagem da árvore. revista feita árvore.

Teresa Fonseca

Jorge Ruben



para lá...

sobre a luz do palco

guardar na sombra tudo o que não é luz
sobretudo a luz

há algo na luz –
tão aquém – quase luz
e – ainda assim – luz –
tão óbvio na membrana
da luz –
sonhado pelos objetos –
que ao revelar-se nas coisas
esconde-se – enquanto luz

quíaltera 3

o mundo termina nesta fenda diante do mar
neste peixe prateado diante do mundo

o cemitério-mar
com seus corpos conservados no abismo
sepultados sob o peso de mil baleias

o mar
maior de todas as lápides
com sua inscrição de ondas
no mármore das águas

ou

a água-viva
minério do mar que
enquanto água finge a vida e
enquanto vida finge a água

peixe-falha

eis um gólem de merda ou de arame

תמא

no anticorpo da pedra
o dúctil da pedra

todo caos é provisório
polpa p´ra formar cabeças
umbigo-plexo no eixo do sol
autômato
peixe-falhante-d-estrelas

a cidade assentada na base da montanha como
um brinquedo de deus
de arame ou de merda – cidade-gólem
escrita ao contrário
as sete mil patas de rua no coração do câncer

e o cão sonhando a canidade
ou os homens
a nomear quantidades cada vez maiores

os dentes da barata são macios e
acariciam a pele

dormir como quem acorda –
parcialmente morto ou

morto

מת

in media res: numa floresta pelo Leste

*orquestra de vozes
(gritos e falas vindos das extremidades do palco)*

uma curva

este é um gesto

leve

des yeux qu'insulant

de fractais

o pensar das mãos
que atrapalham os dedos

nas mãos do artesão
nas mãos da dama
nas mãos do morto

refração e este destilar luz

íris de turmalina
sob um
sobrecéu licoroso

fabricar uma cidade como quem
fabricar um elefante gomo a gomo
suas placas de paquiderme

artérias da folha: as veias da ferrovia:
vasos de ferro-fundido estriados de sol:
mineral a folha do cádmio
cânhamo

lua-lâmina-omoplata
outdoor da noite

o cão de porcelana desfeito na porcelana da constelação

codex:



tudo que se move de lado entende melhor as paredes

kinesis ————— *chialtera* ——— escrever é
sacrificar-se o corpo a cada corpo

cada palavra é um ato
cada palavra é uma maldição

φορά

αύξεισις και φθίσις

ἀλλοίωσις

γένεσις και φθορά

Huangdi [denominar é dominar o
movimento nas coisas]

o pássaro de escrever a pegadas sua passagem
o pássaro que emancipou-se do avesso

O TEMPO É O TERMO DO TEMPO

nascimentos

os nascimentos são muitos e simultâneos

[]

taveirós por exemplo

antes de nascer
era o sonho de um cavalo

e julgava-se maior que um deus

bastou a simplicidade de água
nos nós de uma semente
e a vida abriu-se a ele como uma castanha

prefiro a aderência dos pés a qualquer calçado que me tire a
sensação do mundo

esse fubá nas mãos
esse milho solar que se come maduro durante os dias

prefiro

amar um lobo mais que a uma pedra
amar uma cidade ao ponto de fazê-la caber nos olhos

e esta foi a história de um espaço de tempo não maior que os
nós de uma goiabeira

narrada nos letreiros : memória tipográfica das ruas

João Luís Pinho



aquela fé

«Sete haikus» de BREIZH

I

PONT-AVEN (1886-1894)

Nada perdura
salvaxe e primitivo.
Foxe Paul Gauguin.

II

PONT-AVEN (2007)

Mercado da arte,
Paul Gauguin enche *crêpes*,
rara atmosfera.

III

MAX JACOB. Autoportrait, 1938

De profecías
endúrecese o rostro.
Drancy e Auschwitz.

IV
DOUARNENEZ (II)

Casas de cores.
Na ollada de Renoir
nace o asombro.

V
DINARZH

Foi no *Art Nouveau*
que Lawrence de Arabia
viu o deserto?

VI
LES AMOURS JAUNES

Outono en follas
de amores amarelos,
malditos versos.

VII
ROBERT SURCOUF

La Confiance enche
de pólvora corsaria
a dor e a perda.

João Luís Pinho



novo mundo à espreita... ou não

Fernando Esteves Pinto

(poema escrito a partir das pinturas de Paulo Serra)

Mulher com perna levantada

Tenho o tempo todo a sair do meu corpo.
Não quero dizer fuga.
Essa seria a primeira palavra a fugir da minha boca.
Posso esperar melhores dias.
Sou estátua dos meus actos.
Organizei o meu tempo como se estivesse a combater
uma doença.
Os sintomas nem sempre foram evidentes.
Tenho palavras de silêncio para o que não sei pensar.
Foi sempre assim comigo.
Sentir que a vida é uma fuga no tempo.
Tenho agilidade para o sofrimento.
Sou motivo de estudo familiar:
A loucura tem a sua própria luz.
Talvez seja um absurdo parar o tempo
quando nenhum corpo faz prova da vida que tem.

Fotografia rasgada com livro e mesa de leitura

A fotografia compõe-se em três pensamentos.
Em redor da infância há uma mesa
e no centro a olhar para quem lê
revela-se a agressividade de quem pensa.
Os olhares são tristes ou apenas se protegem
do sofrimento das primeiras palavras.
A mãe pensa dizer o que alguém esboçou com
violência.
Temos um espaço guerreiro e analfabeto.
O pai julga ocupar o coração blindado do tempo
humano.
Vejo-o despedaçar-se pelo caminho do seu próprio
pensamento.
Às vezes tenho esta imagem de mundo
dividido em três superfícies que a linguagem do
desespero ordena.
O jogo da verdade é uma mesa humanamente
distante
e a imagem que compensa a escrita
o retrato da razão profunda.

Perante a solidão

Depois da leitura particular da sua própria vida
cada um se debruçou na essência literária que o
coração indicava.

Em forma de livro ela sentia que não eram aqueles os
seus caminhos.

Palavras brutas e ingenuamente arrependidas.

Verdades que por serem desfocadas,
davam uma péssima fotografia da vida.

Fecharam os livros no limite do sofrimento.

Nunca uma história é uma ponte
de entendimento para o nosso prazer.

Ele deixou a sua alma a marcar uma página.

Tão inconsciente estava no tumulto das palavras
que a razão se enrugou perante a solidão.

João Luís Pinho



antes cavalo dado

Gabriela Rocha Martins

-em des ordem

não tenho nada a dizer
não quero dizer
rigorosamente
nada
escrevo como resultado de um colapso cerebral
lembro.me de coisas ínfimas
não cabem numa palavra
não existo
antes assim do que existir cada vez mais
anónima e crua
escavo em busca de mim
no barro
detida na paixão nascente
a desistir ao longo dos outros
espero

corta

insisto numa página
a preto e branco
minto
sépia

corta

tenho.me no centro de um escritório
onde o rodopio da chuva se

converte no chuveiro dos dias cinzentos
o ritmo da chuva
ácida
lembro.me dos dias de chuva por dentro
lá fora
uma parede em trânsito
vacilo entre o quarto fechado
as águas furtadas
a chuva
bate
nos vidros
tudo se situa ao centro

as minhas mãos
na parede sulcada de palavras
aparecem desaparecem em luz
na trajectória oblíqua
em direcção ao silêncio
no interior do silêncio
desenho.as em cada livro
qualquer livro
lembro
esqueço
vivo
espero
desespero

corto

caminho
ao encontro do a manhe ser dos dias atrasados
meu amor

PELA BOCA

Minha alma vai sair pela boca
Vou tomar hoje à tarde chuva quente sopa
Não sei nada de futebol rodada garapa piracema garoupa
No frio lareira bastante no verão frescor pouca roupa
Natal vem chegando vitrines mendigos... Opa
Sigo inteligência emocional intuição vela vento proa popa

POEMA DA MADRUGADA

Da pedra na rocha ao pau na areia passando pela pena
tinteira agora em digitais teclados
Necessário sempre foi será ao pensador estratificar no
tempo seus pensamentos escritos falados
Pouco importa a notícia de que o novo presidente de
ébano americano cometeu a primeira gafe
O importante é que seu povo se expresse livremente
desabafe
Gosto das letras palavras aqui além fronteiras gostarei
eternamente sem medo mesmo tendo de dizer asneiras
Brasil Itália barba boa navalha roseirais sombras
cozinheiras aventais bananeiras
Não entendo a razão dessa separação coração torpor
sobrevive o sabor da avelã apesar desse olhar de divã
Vamos ao cinema entremos em cena de novo a degustar
o sumo de hortelã

a noite encerra um sonho
que tocamos com dedos de sal

e pelo canto do olho um voo
que se desfaz em surdina
deixando no último vulto
um segredo de asas lúcidas

pulsa agora no rasto de pó
brilhante que introduz o escuro
um certo passo final
e o corpo todo se interroga horizontal
vestindo-se de uma crença antiga
que lhe cobre o descanso
com uma certeza diurna do regresso

Pedro Afonso

encenas-te diante de mim
numa treva coronária
e só um casulo de lume
te decepa agora naufragado

não te poderei seguir
por essa réstia de calor paterno
esperarei ao vento constante
agasalhado na areia
do que te sobra

este espinho cravo-o
sozinho esclarecido no frio
de uma luz branca

sei que enredas o teu corpo
num fogo distante
sem que nunca pareças ardida
e na aparente imobilidade
de prata
inauguras lagos
de líquidos muito densos

estendo os braços à tua escuridão
disfarçada por uma luz mais antiga
e sinto os tremores secretos
das marés do meu peito
por ti dirigidas

ou és a maior parte do tempo
o gomo cíclico
a mãe da própria vida

estes corpos densos
de gestos inadequados
que aqui se curvam
são as âncoras
sem amarras
em que nos tornámos
surdos juntos
muito abraçados
de medo e de frio
no coração calado
da morte

serás esta imagem ao espelho
a fugir de ti
enquanto o obscuro desejo de ser
for uma lúcida tentação
uma límpida superfície plana
de água morna inconsequente
porque todas as tuas palavras
têm uma morada improferível
uma lama da qual se moldam
prontas a te estalar na boca
baques ínfimos que ecoam
de uma aurora perpétua
muito distante da pele
que vestes agora renascido

João Luís Pinho



ripado de fé traçado

ainda há pouco confundia a geografia do rio
com a função de um pequeno electrodoméstico.
de cada vez que digo: a terra fica
mais escura ou guarda bem o segredo
e para sempre essa caixa, o frio
de uma taça qualquer aparece
e logo o comparo a uma lanterna
de aço, ao movimento dos ombros
quando subimos a rua. ainda há botões
dentro dos frascos, ferrugem e humidade
nas linhas, cascas de laranja que coleciono
secas e costuro a apertá-las muito
no forro, na metade cinzenta
do teu casaco. ainda há pouco
dizia: os estilhaços parecem redondos, quando
queria ter dito o reflexo nas árvores as
mãos de um deus.

chegamos a casa e trocamos pétalas por ossos.
as mãos ficam transparentes. ainda
trazemos a água dos peixes
na ponta dos dedos, destroços
de uma árvore na boca. é possível ver alguns
cadáveres do outro lado. o mesmo movimento
de sempre, digo: abre a porta, devagar.
sabemos pouco do animal morto
da sua cabeça e pescoço húmido a desaparecer
na terra. do intervalo da nuvem a queimar
a matéria dos objectos.

um dia deixarás de ter um coração completo.
as tuas mãos serão perfeitas
na largura dos lagos.
as luzes tornar-se-ão ácidas
diante das casas e da tristeza das mulheres.
será o cheiro da acetona que dilui
a entrar primeiro, depois alguém
a cercar de terra o endereço da idade.
lembrarás a renda na caixa de ferro
o fundo vazio do alguidar
a água fria muito tempo no corpo
o plástico na sentença do fogo.
um dia deixarás de ter um coração completo
e serão os filhos dos outros
a recolher os teus olhos
no escuro da cave.

há uma verdade-triste que coloco em todas as coisas.
quando digo todas as coisas, digo também a parte
mais iluminada do teu rosto. as vezes
em que apertas com força os lábios
uma e outra vez. e ainda outra
quando alguém diz o vermelho
fresco, um ponto e um limão
a simetria, o vento que fica
em todos os lugares, o túnel comprido
onde o medo é maior se lá entrarmos
se soltarmos as mãos; algo
que nos escapa quando rezamos
que acontece quando caímos.

Abacateiro

*Abacateiro- s.m.awaktl/Flia das Lauriáceas/
México/Am.Central/alligator pear.
Etimologia pessoal: árvore que nunca deu frutos
no pomar da minha casa*

Adormeci pensando no abacateiro
e sua paciência de Jó
que é anual e se renova
cuja ciência talvez sem esperança
seja esperar
com a adstringência do que
em suma
é lento e gorduroso

E sonhei para ele
ocupações mais nobres,
terapêuticas, diuréticas,
menos calóricas, astecas
mais relevantes como
temperar saladas
ou servir de pera aos crocodilos
que esperam também por sua presa
de surpresa
em Macchu Pichu, Tenotchtlán
cidades perdidas
no tobogã de suas folhas
macias e lustrosas
no tronco pardacento

de cera perfumada, incenso
que me conduz até o amanhecer
e me desperta à sombra
desse verde gigante adormecido
à espera de um dia
nunca ser colhido
no pomar da minha infância
e do meu pai.

Retroceder

Passo
de
garça

Fino

Quase sem querer

João Luís Pinho



tormenta

Big-Ode-Aço (*Elefante Enfant*)

tenho um bigodaço de aço.

sou electricista e lanço o meu charme quando ligo o alarme.
e sei bem que há rimas que rimam com uma pegada idiotice.
(como esta, aliás)

hoje, quando vinha da casa da Clarisse, encontrei uma ostra.
que se queixava de ser ostracizada pelos demais moluscos.
houve uma lula, contou-me a ostra, que lhe disse inclusive:
«és manhosa, ranhosa».

retrospectivei, de imediato, os meus tumultuosos anos de
«impossible enfant»,

quando, a meio de uma gargalhada, me saltava
compulsivamente do nariz uma série interminável e
indeterminável de lulas.

e tudo troçava, troçava, e, eu, *em-mim-mesmodo*, reduzia-me
a um caco invisível em quarteirão pós-terramoto.

(apercebo-me agora prendado com uma memória de
elefante)

imagino a brutalidade que seria para uma ostra, ostracizada,
ser esgamada por uma patarrona de um elefante que consigo
se cruzava,
enquanto ia morrer longe.

duas mortes: a caminho da morte longínqua,
um elefante com ar cabisbaixo, distraído, não olha para
baixo e mata uma débil ostra.
a ostra grita, o elefante não ouve, mas sente.
e de repente, vê mar.
lança-se a ele, desajeitado.
não sabe nadar.
e morre.
há quem diga que se suicidou.
um indivíduo com intenções duvidosas que andava por ali
perto
mergulhou nas águas geladas do mar
e na direcção do gigante nadou.
o homem congelou.
e o marfim do defunto elefante está agora patente no Centro
George Pompidou.

SEAT 679kms/h (Sonho em Escrita Automática Tónica)

aqui vamos nós: estávamos em 1998 e eu nem sequer sabia o que me doía. era uma primavera cinzenta sem arroz de pato.

e enquanto enxugavas as lágrimas, eu ria-me, feito «ideiota», e eis que a minha prima afastada chegou, aproximou-se e fizemos amor, sem avental. e de repente, a promiscuidade era familiar, sem tabus.

quando saltei a cerca, estavam lá eles à minha espera, a rirem-se, e eu fugia deles, como quem...

não há cura para a idiotice e fizemos o alicate soar a piano. dentro de momentos, vamos ser patetas felizes. há qualquer coisa de libertador nisso e eu deixei os óculos em casa e a casa é tudo o que eu desejo queimar. seco, num alentejo devorador de almas. quente, sem chuva tropical, amámo-nos sem amar o amor e, às tantas, era tudo fugaz, tudo alienado, sem certezas algumas.

há coisas que eu gostava de fazer sem ti, há coisas que tu não precisas de saber, há coisas que tu não queres saber, há coisas que eu não quero saber e há muito que eu quero saber

o que tu não queres saber e eu não páro porque eu quero ser um Jack Kerouac sem ser escritor, quero cadências fora de controlo, estradas sem STOPS.

fala-se de sanita e há encaixes a segurar, carregar e tudo isto é febre sem tino, sem destino... e não entendeu o que tu disseste, ó canalizadora... e acabei de ter um *dejá vu*... e os meus CDs e os meus sete euros... e há coisas que tu corres o risco de não acabar...

Casa Piano

Um carro

Arrepia caminho.

Depois de um prato de caviar com arroz,

Um falso feiticeiro de Oz

Estaciona à porta da.

Abre a porta do.

Um homem ímpio subjuga ao.

Um.

Um casa-pio-piano.

E outro. E outro.

Põe o dedo indicador nos.

De um.

E diz «Pia fino. Pia piano, pianíssimo».

Acrescenta: «são ossos do ofício».

E ainda «É melhor aqui do que na oficina».

Um «até» gosta.

Mas preferia comer lagosta.

Ou mesmo tocar piano.

Ou mesmo não sofrer dano.

Mas há outro que não gosta.

E preferia pintar o dissimulado feiticeiro com.

João Luís Pinho



triste

Aires Gomes Fernandes

Escrito desinteressado aos homens, azémolas e sentimentos que ousam exercer o substancial governo dos neurónios, órgãos, tecidos e outros objectos escabrosos que nidificam pelo UNI-VERSO (ou a insidiosa influência de parte do nada sobre o todo e suas respectivas sobras e algoritmos sintetizados em verso).

A sombra riscada a giz

No osso seco

Desenganado de medula

Singrando no pescoço do Áugure

algures entre o sentido

e a mãe da razão que perdeu as compras,

bocejante espiral de obséquios

Não sei a que planeta queres dar o nome?

Não sei a gravidade das partículas

Que expiras em forma de palavras?

E tentas adoci(carne)

Desossar o órgão que desperta

revoltado sob o tórax

Em jorros quânticos

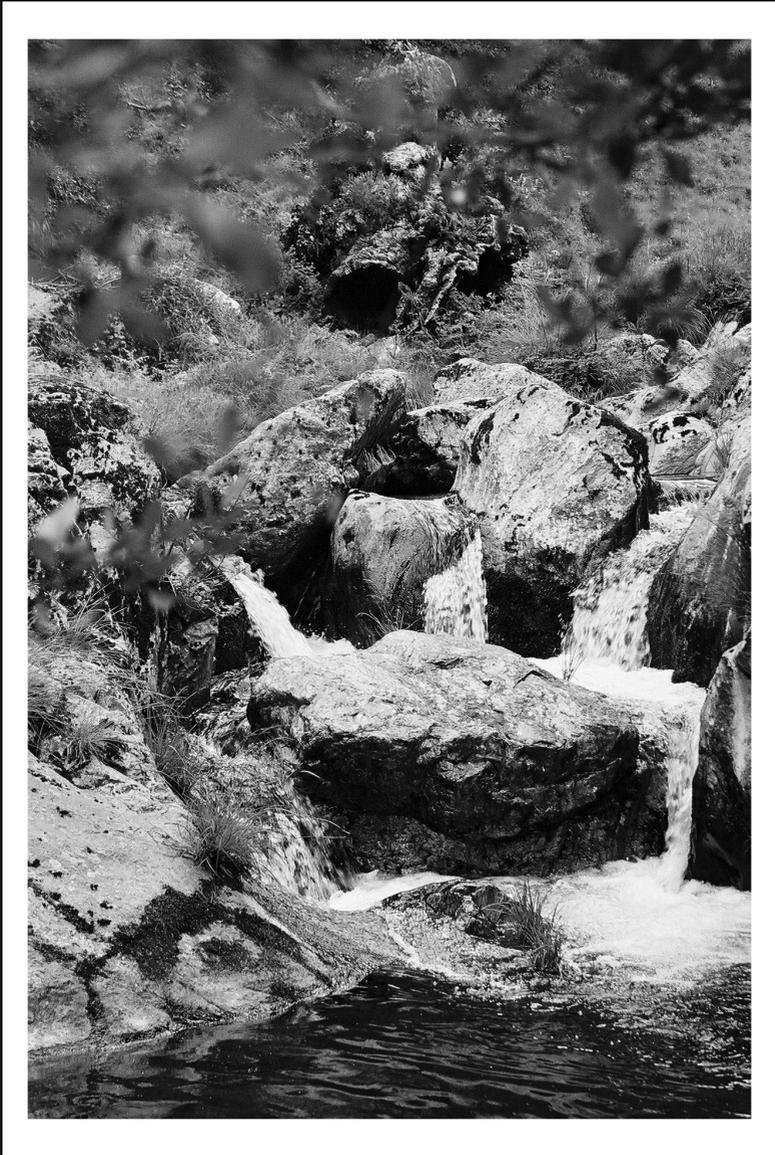
Coisa de amor parecida, dizem, dispar

Ingover(nave)l vexame
de poeiras e feras do Universo
contraídos num músculo
plangente

Sinais

Estupefacto, assim é
Gélido facto
Arrefeceu na Quarta à noite
O frio coalhando
Ao ritmo dos compassos
Que não adivinham o escuro
E seguem como na sequência
Um rádio, súbito mercúrio
Nessa ferida deslocada
Que amamentou meio escravo
No recontro largo da onda inútil
Savana, cama aflita de abandono
Urros entre um tampo desalinhado
Na seda, a cada passo
O longo fémur faminto do tempo
O sono reacende a beata
No casco da barcarola
Outro meio escravo
Carregando milésimo mar nos pulmões
Artefactos boiando
No vazio civilizacional

Jorge Ruben



pedaços de um rio

com as têmeoras acesas graves de vento
ela exorciza-se.

cava o tempo da cintura
taciturna de um metal contundente.
ela espirra, expira. faz birra pelo que há ansiado
de antemão na auto-estrada da noite sibilante.

havia sonhado em contra-mão
que um punhado de gente podia existir nas ruas.

a fortuna do infortúnio estaria então para os terrenos
[baldios
como uma mãe que se oferece para ser mão dos
[desconhecidos.

a forma fuma e fumo
e fumo fuma a forma
a forma fuma a forma
ou a forma ~~sem~~ sempre fuma a fome
mas e mofo fede e pedma.

dos alimentos cortantes antes da chuva ele viu os pulmões a muitas noites
de distância da palavra loucura sobre /
olha o dia /
os cotovelos uma noite
a água /
encontrei uma
pedra estremecimento
sõ o silêncio pergunta às pessoas a entrada
a abstracta violência onde
pela luz para uma pedra sem som
como quem se move no dialecto ardente

Jorge Ruben



a força da natureza

Em jeito de expiação

Ainda apelou ao pensar ter direito à vida

Sobre o corpo, logo entendeu tal juízo como quimera
sem importância (importante era o erguer)

E a crença nas leis sentimentais descendo
a um nível que não valia mais a pena reflectir

As palavras bem medidas que algures assimilara
esboroavam-se entre os motes que ouvia em redor

Se ninguém intercedia era porque falhara nas ligações
havendo que assumir o ónus com todo o pavor possível

A sentença só podia ser autêntica
e, assim, terrivelmente aproximativa da verdade

Tudo isto percebia enquanto suas ofensas,
tão graves quanto fúteis, perdiam fundamento

Nenhuma vida pode aspirar à parábola

Trouxeram uma criança para ver

Quando atingir a idade dos que jazem
poderá esta criança tolerar o defeito
daquele que querem demolir.
Pela avidez tocará tal afronta
ainda que ambos disponham regras díspares
no jogo anímico, já não animista
(paulatinamente mortais: entendem-se).
Mas não, também ela irá, confiante, demolir
com grandiloquência ou pobres elocuições
e recusar ser ingénua face ao colosso e ao débil.
Sua mortalidade sem atributos de nova ordem.
Sua velhice de aprendizagens inócuas:
como segurar o bálsamo,
deixá-lo cair.

1.

Uma habitual discussão de última hora
onde importantes executivos infelisinam
grandes períodos de fertilidade

Há chamadas a toda a hora
prestes a emitir sons fortes
roncos, arrotos ou mesmo pior

Escolha mal os perdigotos
e faça-o sentir-se completamente

À vontade

2.

O filho tinha reconhecido a paternidade do filho

numa simpática reunião

estavam ambos pálidos

e nem tinham vomitado

3.

Ela sabe melhor do que nós
quem é e quem não é

E rasga tudo em muitos lugares
assim que os homens pagam

Sempre

por aquela criada

evitando acções prolongadas com chatos

Nunca nada tinha este gosto tão bom

4.

Devo-lhe uma vida, insisto

Eu e os meus irmãos

Todos somos amarelos, de cabelos brancos e olhos pretos

Damos gritos terríveis

e andamos em pétalas matizadas

5.

Vocês mais ricos e nós mais ricos

as duas partes devem lucrar naturalmente

Com todo o respeito

Esperaremos

6.

A criada com a cabeça enturvada ao longo das cortinas

Deitava dantes os sabonetes fora quando estávamos pequenos

Sec 1

6/6

At 1.9°

Ln 6

Col 35

162/165

REC

TRK

EXT

OVR

Conceição Riachos

antes do sol anunciar a verdadeira essência
palavras reconhecem estrelas em vez de cabelos
olhos cruzam harmonia trilham **tulipas acesas**
metáforas **condenam** a visão vela acesa que avança no ar
vagas na forma plena **anunciam** sombra
no grito do vento **vêu** que escurece

Conceição Riachos

SOURCE

| | | |
|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Molho as mãos e cara | no excesso devolvido | na magia das nascentes |
| na magia das nascentes | a serpente fugaz corre | eterno retorno |
| charcos cristalinos | rasgando véus | sombra inclinada da noite |
| eterno retorno | nas frentes de água | nas paisagens aquáticas |
| bebo a água dos poços | correntes de Primavera | nas frentes de água |
| sombra inclinada da noite | cavam fendas disponíveis | a serpente fugaz corre |
| sopro da respiração | nas paisagens aquáticas | no excesso devolvido |
| nas paisagens aquáticas | sopro da respiração | molho as mãos e cara |
| fendas disponíveis | sombra inclinada da noite | charcos cristalinos |
| correntes de Primavera | bebo a água dos poços | bebo a água dos poços |
| nas frentes de água | eterno retorno | sopro da respiração |
| rasgando véus | charcos cristalinos | fendas disponíveis |
| a serpente fugaz corre | na magia das nascentes | correntes de Primavera |
| no excesso devolvido | molho as mãos e cara | rasgando véus corro |

do nítido marfim de um fonema
rente às hélices da luminosidade
uma glândula desagua
quando o vento desfoca violentamente as ancas
e há campânulas concentradas
que perfumam o cio alquímico de víboras em
hibernação única.
o poema tem vasos que se trabalham a si próprios
a potência de uma lua despontando
que aguarda o estoiro das estátuas
de unhas cegas
e a absoluta velocidade dos melros
no halo dos vitrais.
à volta das pérolas amar
as barbatanas extraordinárias
a placenta mamífera do mel
porque se queimam estuários
e magnética é uma borboleta
rente aos cravos pelo noite dentro.

Jorge Ruben



árvore de prata

a pontuação nos outros

o outro a pontuação.
transcrever os olhos ou gritar por
metáforas
a viver. palavras que são
secreções na mesma página.
na cidade
é grande o fluido abismal.

conheço sílabas libidinais subordinadas ao
azul vertiginoso das fractais
espraiadas pelo divã-frase revendo a
felicidade da manhã
. o fundo deste mundo traz-nos a
língua-madrugada pela ruptura dos reflexos

desprender-nos do fragmento puro qual eclipse fechada em
caracol de ecrã
– vagens de energia destilada como correntes abertas

os outros
às voltas
no signo a identidade

sonho o barulho-sentido das laranjas na vida-
trama
para sempre
as metáforas desabrocham e recomeça a beleza que
muda o conjunto
do sol. os olhos
em frente

tríptico

I

: corpos ladeados por fugas impermeáveis

– há quem se cruze nas cores desladrilhadas como
as labaredas a entrar pela casa

: os sofás pousados no tabuleiro em hiato conversacional

– há quem se prenda à lareira num exercício
cromático-esquizofrénico.

II

ao lado direito os dedos guardados pelo vulto de verde

assoma-me o axadrezado dos olhos às escuras
e parto-me de loucura preta de pulmões lacrados a água
e encosto-me ao ramo varrido de folhas amargas
e raspa-me o sangue das fugas à razão numa corda inquieta

III

nunca plantei flores
na limitrofia da narrativa

Fátima Almeida

A minha mão só escreve
Porque nela treme a tua sombra
Que tomba do desenho da lua
Há terra nas palavras e
Abismo cálido nas calçadas
Caladas a adormecer os pássaros sem pio.
E tu?
Outro espaço sem madeira ou aço
Como folhas desertas de silêncio
Habitas a invenção do meu corpo
Torto, a sair do mar entre polvos
O povo mais escuro nos olhos
E os olhos a pôr ondas plenamente
Nuas na corrida contra o tempo.
Não tento. Invento.
A partir da música faço de nós
Os confins da geometria.

(Começava isto a ser verdade)

Os meus olhos cumpridos nas tuas pernas. E as tuas pernas redondas nos meus olhos. Tu e eu sem pernas. Melhor. Nós sem olhos na cara.

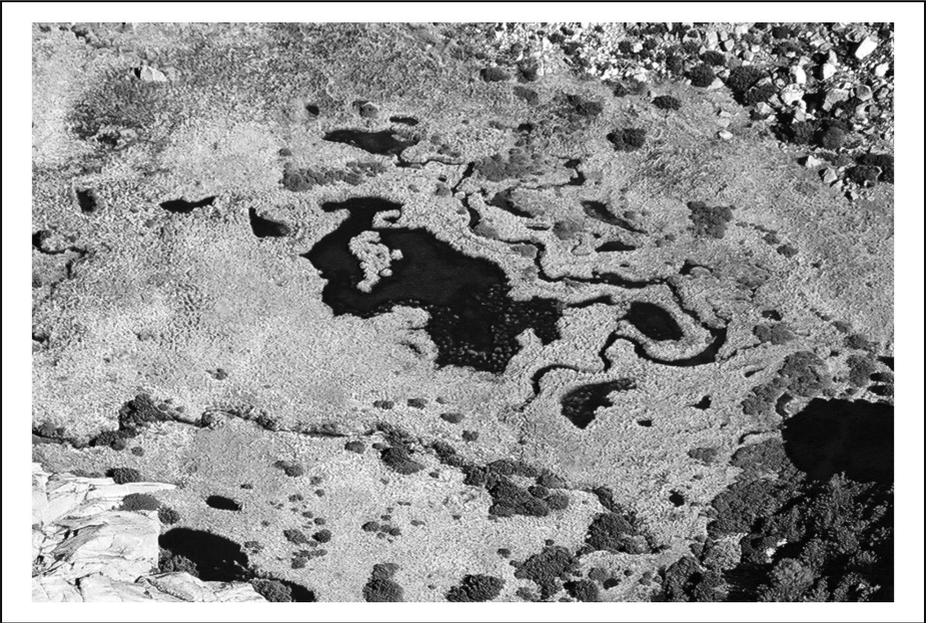
– Pára.

As tuas com as minhas inventadas. Os teus com os meus trocados. Pelos lábios. Tu e eu num quadro pintados. Melhor. Nós sem raízes candentes.

– Mentos.

Outra vez as tuas pernas a serem olhos. E os meus olhos sem deixarem de ser pernas. Tu e eu de pés atados. Melhor. Nós sem terra ou lenda

Jorge Ruben



dragão alado

AR LIVRE

Fado

1.

.boca a boca a potência.

gárgulas compostas por ganchos absolutos.

as têmeoras perfuradas pela violência dos cânticos

virgens por dentro estacas de alabastro sobre a alma.

como a voz desabrochando a cumplicidade das nervuras

eco a eco do

bafo

o sacrifício pleno pela garganta nua

relâmpago

esse espasmo sucessivo ininterrupto

o canto abrupto do vulcão

aberto

a agulha e o alimento

a prumo pelas guelras

sagradas

– *a guardadora*

da sempre nova faísca

incendiária

2.

.a dimensão do coração

é um sabor de terra sobressaltada.

*enquanto os elefantes pela floresta galopavam
no fumo do seu peso*

elevou-se a boca mais alta do que o prodígio

da promessa ígnea

o clamor

a pancada

odor retumbante da faringe dentro da forma

o destino destruindo a juba altiva da pedra

estilhaço

inocência

a dimensão de que o corpo

descomunal.

o canto magnânimo do verbo aguçado subordina-se

se o fado em seu turbilhão desaba

esmagando-se sobre o mundo: há um eco

exacerbado

infindável

oculto

revelado das coisas simples

n ele

só

Corda

.aqui

o que o músculo

permite: a boca atulhada de sangue. a espora

que a exalta inteira

ramifica-se nela arrastada para cima. absoluta.

abre-se infusa por dentro

a órbita do fogo que aferventa

a agudeza

o gume ama-o pelo gume

quando recolhe saciada as fibras – devastadora a respiração

da corda tem o prodígio de um golpe

único. terrífico.

perto, lá andava ela nua a cavalgar o antílope,

com uma asa direita outra caída

numa cólera divina da criação única.

a ferida dos dedos talhando o sopro em dois

o fogo que se permite pela rotação ímpar

oferta cântico obsessivo

irrespirável

blasfémico

– pelo espaço

improvável do corpo apavorado sombrio

cervicoso

e estou na alma retesada

o cordão livre

nu

Jorge Ruben



escravidão!

Licinia Regateiro

naquela sala
de paisagem inexistente
a passagem concêntrica do degrado

o ventre, a cauda, os cascos,
segredo arrastado nas crinas,
o escopro revelando a criação

os rostos, as mãos,
sempre os mesmos,
sempre outros

ninguém

torrente com capuz de silêncio,
hesitação
no dorso exposto,
corpo
no rumor navegável
do fio arqueológico

voo suspenso na hora inadiável

Licinia Regateiro

Perfeitos inimigos
Nossos pais
Nos deixassem
Com perplexidade
Assolados por uma dúvida
Persistente
Imaginamos nós
Gestos
Agressivos
De quem se dói
Presentimos abandonos
De desempenhos
Jamais julgados

coisas da velha utopia,
conhecer de tal
que viera de terra ignota.

rola o tempo da harmonia
quebranto de ideias feitas
adejo do véu ténue
lânguido vento de desacerto.

ressaca da velha utopia,
ribombo na treva
zerbada na cerração
embolia na artéria,
coágulo na corrente de desacerto.

Jorge Ruben



impressões

Margarida Amorim

Sol
Sol e verdes

verdes
e pedras

pedras
e sombras

Sol e verdes e pedras e sombras

o supremo

Margarida Amorim

inspirada magnólia
 pura e completa
no silêncio nasce
nasce a veia vibra
vive a árvore viva
 sempre por dentro
 ligam-se saudavelmente
 conflitos crescem
 curiosas as crianças
 não deitam fora o canto
 jogam as palavras
 reordenam as letras e as sílabas
criam essências estruturais
 espalham os raios
 no interior lançam
dos túmulos a luz
 a luz

O DESCAFEINADO DE IBSEN

de passado de rede
do descascar da cebola
dos que falam com doblez
de juízes nas nossas camas
do meio-irmão viúva marido
da boa qualidade da naftalina
de lembranças não coaguladas
de não passar de sidarta a buda
da revelação que estrague a romã
do corrompi corrompo corromperei
de arroz com falta de vergonha doce
de não adormecer no combate de galos

café é melhor
cremoso à superfície

PHOTOGRAPH

V. I. Swire nascida em Derbyshire ícone dos *nauhties* acelerou num McLaren (condução arriscada: “Too Fast To Live, Too Young To Die”) fórmula nada um nada una muitas lâminas (porventura tiro dos Sex Pistols) muitas coleiras muitos pregos (talvez ventura talvez garotada de New York Dolls) Let it Rock Let it Rock acelerómetro dispara desbragar de *rap* e canhão – pirata colecção – aporta ao continente indecente irreverente – búfalo colecção – acelerógrafo estoura nunca dar pé à braga:

couro corrente corpete **LIBERTA** espartilho **ABRE TRILHO** ←

Oh Dame, Oh Dame, como encanar perna a rã? Aporia?! Como te vais converter

ao camarão? Anglomania?!

Photo by Ben

Um fado entornado

Do meu altar entornado
Com meu alguidar estragado
Uma torneira acesa
Da recessa
Que é minha doença.
Da água fria
Virada
Virada
De lençóis de falta.
O meu tornado
É farinha
De malga que desfia
Linha
Sentido igual
Ao da linha
Aos céus. Ó céus
Que aparavam vento
Aparam passo
Aparam passo
No meu compasso.

Pressas do quotidiano

I.
Cultivo grinaldas
como cultivo alfaces
Cultivo alfaces
como cultivo grinaldas
Abro um aterro na Terra
enxerto um pedaço de Mato
E lavro-o com uma foice
Depois corto uma mangueira
E abro-a
para esbanjar água
A seguir pego em estrume
das cortes dos animais
e encho o buraco de fertilizante
Queimo umas ervas
E meto-as lá dentro.
Depois arruíno a terra
Esburaco com as patas
Do meu animal traseiro.
Deslizo o meu alguidar por lá
E com as mãos planto as
hortaliças.
A raiz fareja a terra
E de rompante lá se entranha.
Diariamente é meu quotidiano
Vigiar a minha verdura.
Ó Sol bemchamado

aprecio dar de comer aos coelhos
E à tarde corro atrás das galinhas
para lhes dar o milho.
O rebento da terra
estonteia-se à noite
Oiço da minha cabana.
No roliço da minha cama
Emudeço ao escutá-lo
Estala com o vento
E vem-me o cheiro da Terra
Ali na cama com as mãos
nas grades.
Soltou-se o meu animal!
Amanhã vou achá-lo
Com a minha enxada.
Para já tenho um arado
Vou lavrá-lo de noite!

Jorge Ruben



confusão natural

dióspiros a esmiuçar dias

aos olhos

.

de bruços

uma colher

a colher

.

o alcatrão maduro das orações

do livro inédito
Utensílios de Fazer Marés

Exercício de Tradução

Língua 1

Língua 2

Termo 1

Termo 2

internamente
a língua
uma recorrência
de salivas gramaticais
donde que

a coerência, essa sobrecasaca de domingo, começa
aaaaaaaaaaaaaaaaa-qui : 2
a afastar-se daaaaaaa-li: 1.

earth's reponse:

ele acreditava mesmo nisso

todas as páginas 13

descobri que as palavras falam umas com as outras, e o que fazem através de todas as páginas 13 de todos os livros do mundo. assim, todas as páginas 13 conversam umas com as outras e são sobre a discussão maior que as palavras têm entre elas e com a qual não temos nós nada a ver com isso, como se uma outra forma de dizer fosse a de dizer o que palavras não nos dizem porque só lhes diz respeito a elas. descobro que o silêncio entre elas é um diálogo entre os livros todos do mundo e que para sabermos o que dizem teríamos que os ler a todos e mais ainda os que não são escritos. fiquei contente com o que descobri porque me agrada saber que não podemos saber tudo sobre elas assim como não queremos que elas saibam tudo sobre nós. não que se vinguem, que não é essa a língua que falam, mas a sua natureza é a de respeitar que se falem todas umas com as outras sem que saibamos nós que isso se passa. é a forma que têm de nos manter ignorantes sobre elas e assim as respeitarmos também, respeitando assim elas a nossa natureza, mesmo sabendo agora que a cada página 13 que lemos, estamos quase nunca a saber como elas falam umas com as outras e que já é uma forma de saber mais qualquer coisa sobre elas.

epitáfio

agora estás onde o sol se põe. – o silêncio. estás onde a lua nasce. – a dor. agora estás onde chegam as andorinhas das primaveras que eu não gosto quando partem sem regressar que é de onde não se regressa para onde se vai. agora estás porque estás onde estejas sem nunca mais regressares, do que falo sem saber, do que tu não falas mas sabes. sabes tanto que é como se toda a sabedoria fosse só isso e nunca mais nada, que a última descoberta que o mundo fizesse fosse essa de não haver mais nada depois do regresso em que não estamos nunca mais e do que nada sabemos quando falamos dele. estamos, e agora estamos. estamos no momento em que eu e tu nunca mais havemos de ter nada para dizer. e desse momento nunca partiremos nem nunca regressaremos.

Jorge Ruben



cumes

Teresa Fonseca

e depois ela disse

se acaso houver um poema de amor
será quatro minutos antes de morrer

calarei dos amores fora de prazo a azedar em parte incerta
sinais soberanos de diâmetro e meio
a inchar
a habitar
rugas e pés de galinha floridos

esquecerei aqueles mesmo à porta do olhar de boca faminta
como uma onça na noite

escreverei da minha boca
outrora flor de bordos irregulares e cor de metamorfose a
fugir sofregamente para a proa de barcos lábios

se acaso escrever um poema de amor quatro minutos antes
de morrer
dar-te-ei o último sopro
falarei de ti ao contrário
e começarei pelo nó cego de cada um dos teus dedos caules
a medrar lentamente para o tronco
seguirei o descamisar de milho
em lagar ventoso
imitarei o arfar dos livros quentes
despirei o som lento da sílaba
e numa melopeia desafinada chegar-me-ei a ti sem mais nem ais
sem laços
só com abraços de magnólias brancas a arder por dentro

olhá bófia!

sou pícaro negro em conduta de metro
escuto mergulho e rolo inteiro no fôlego
tenho as asas lentamente molhadas e o hálito a senhor da guerra
com os braços
lavro sol na noite
então ressoam vertiginosas as entranhas de tambores
toco e lavro larvas perante a boquiaberta cidade que me
rasga

chibaram-te puto!

a menino
ainda um cheiro a menino que não medra porque
ainda a mascar a parede da casa
e no corpo a fenda traz oscilações da música
canções de embargar
e nos olhos os estilhaços
que são só...
espera... são balas baratas à prova de foguetes,
espera... não lágrimas.

vais dentro!

vou dentro
de mim
olho o dia
vem dia vai vem dia vai vem
e outra vez a fábula da raposa que dança nua no arrozal
e ainda o enfadonho encontro do lobo com dionísio
e um arco materno de saudades a escassear... tudo cada vez
[menos
sou rato parido montanha abaixo

Jorge Ruben



direcções

Ensaio

A sinceramente insincera poética **de João Guimarães** pretende falar do nada onde se encontra tudo da página em branco que vale o seu peso em ouro por ter demasiada cor demasiados cheiros sons e ideias que acabam por não se concretizar ou concretizam-se da maneira errada porque dão forma apenas à voz que consegue triunfar no combate agonista com todas as outras não por ser a mais verdadeira mas a mais fácil de verbalizar numa realidade que teima em ouvir a voz da experiência dos mais velhos dos mais ricos dos mais conhecedores dos mais bonitos e se esquece daquelas pessoas radioactivos com órgãos cancerígenos que não gostam de música de elevador e não têm dentes nem braço direito nem cérebro nem moral nem boas maneiras à mesa e cuja pele nua foi queimada no incêndio das próprias roupas indivíduos que são tão reais e simultaneamente tão insignificantes como o computador igual-a-tantos-outros-mas-particularmente-mais-caro que uso para escrever este texto que passa o microfone a todos aqueles que tenham a coragem de dar um grito ou cantar uma canção de embalar que seja prova da sua humanidade e a todos aqueles que não tendo essa coragem queiram apenas dizer o olá à mãe a quem há tanto tempo ficaram de telefonar mas acabaram por esquecer-se porque estavam demasiado ocupados a mergulhar no silêncio ensurdecedor de uma casa abandonada pelos defuntos que encontram nova moradia no subsolo onde abrigam o colchão velho que constitui o único bem que pode

constar no seu testamento juntamente com todos aqueles mundos onde flutuam em liberdade no espaço caminham por desertos com um saquinho de chocolates e uma refrescante lata de Coca-Cola que pode ser usada como cinzeiro numa tarde bem passada na relva do jardim a olhar para nuvens com formas que só os seus olhos conseguem captar e dar-lhes um significado que na verdade não têm criados nesse mesmo colchão enquanto viam na televisão o retrato de tudo aquilo que a vida não deveria ser quando duas pessoas se amam e se querem para sempre quando na verdade desejam o corpo daquela gaja que viram ontem passar no corredor a quem o novo modelo de calças da Levis consegue realçar o rabo de uma forma tão memorável que se apaga do pensamento segundos ao serem confrontados com o anúncio daquele rosto computadorizado e sincero que nunca vão ter ao seu lado quando acordarem e se derem conta de que cada um de nós só tem direito a uma única vida e que esta deve visar o confronto com a *Shadow Beast* no interior das nossas mentes que não nos permite ver que afinal de contas todos nós somos feitos da mesma energia que um bloco de cimento e da mesma matéria orgânica que compõe uma maçã podre ou o poio de merda que despejamos várias vezes por semana nas sanitas de barro das nossas casas extensão do nosso corpo e parte do nosso eu que é tão importante como a vida daqueles que a desperdiçam quando se atiram das varandas de prédios porque descobrem que o ser humano tem a capacidade de voar se tiver a coragem de confiar que o ar é feito da mesma substância

que o seu próprio corpo e que a lei da gravidade é apenas mais uma das várias ficções ou verdadezinhas seculares que nos afastam do contacto imediato com a arbitrariedade do real e que é tão válida como a daqueles que acreditam piamente que $2+2=5$ e que conseguem prová-lo ao dizer que na verdade o quatro se poderia chamar cinco para todos nós se a voz do *Big Brother* não fosse aquela que construiu sobre a encruzilhada de caminhos um arranha-céus de plástico em que todas as janelas se encontram cobertas com vários anúncios a produtos que se tornam insignificantes assim que passa o prazer da ida às compras e este se transforma em pó nas nossas mãos profanas que não se contentam com aquilo que conseguem agarrar e desejam sempre mais e mais prazer pondo de lado aquele que já foi o amor para toda a vida em virtude de podermos comprar um novo par calças de cabedal que nos permitam a elegância no encontro sexual marcado com a boazona que prefere fazê-lo à bruta para demonstrar que o verdadeiro amor à vida é aquele que passa pelo feio pelo cruel pelo injusto pelo irracional pelo escuro e que não põe de parte aqueles que se deixaram enrabar por motoqueiros religiosos e que gritaram de prazer como também as crianças que gritam sob vãos de escada rapazes que choram em exércitos e velhos que choram nos parques¹ porque são feios gordos bonitos baixos magros pretos altos brancos burros amarelos inteligentes mas em simultâneo fazem parte da voz universal da linguagem humana que é

¹ Versos retirados de *Uivo [Howl]*, de Allen Ginsberg

usada na poética de João Guimarães na construção de uma voz múltipla de um indivíduo que é filho namorado aluno amigo bom mau arrogante humilde transindividual e transdiscursivo ao registrar de modo consciente ou inconsciente na memória todos aqueles sons e palavras de outros que decide fazer seus para além de ser transsexual e transcultural porque admite em si a presença de outros povos outros sexos outras línguas outras preferências que podem ser paradoxais entre si e rejeita na sua consciência a essencialização catalogação e redução de complexidade a que podemos limitar o mar de disparidades possibilidades e caminhos que constituem o mundo se optarmos por uma visão monocromática do real que torna a parede de vidro translúcido que nos separa do mesmo cada vez mais espessa e menos prazenteira algo que o super-homem do mundo moderno que aspira à felicidade tem de pôr de parte na sua busca por um plano divino perdido que tem muito de secular de orgânico de palpável de paradoxal de barulhento de fragmentário de incompleto de amoral e de multicolor e que concede o estatuto de herói ao louco que sabe que no mar e no ar não podem ser erguidas pirâmides interespaiais no interior das quais ecoa uma voz com um sotaque londrino perfeito que não se cansa de enfatizar perante uma audiência que com um postico sorriso branco acena roboticamente com a cabeça que os HOMENS são todos iguais perante um Deus que afinal de contas usava saias nalguns dias da semana e trabalhava por entre a lama dos campos do saber literário e filosófico quando disse ao seu rebento que

não é de bom tom ser-se hermafrodita quando se quer ter a responsabilidade de rotular os seres que são simultaneamente seus semelhantes e diferentes de si ainda que a existência de um leque infinito de diferenças erradicáveis e perpétuas que se pavoneiam nas prateleiras dos supermercados seja um motivo de regozijo tão importante como o da queda na perfeição da imperfeição que se caracteriza por estar munida de um movimento eterno que permite o desejo de regresso a um lugar onde reina a morte absoluta por oposição a uma viagem que para além das suas curvas e retrocessos não tem também um ponto de partida e um ponto de chegada que acabe com todos os gaguejos e mares de lágrimas que emanam vida em todas as direcções onde abrem novas portas que nunca lá estariam se não tivéssemos feito explodir por dentro a mais enraizada ficção que diz que a caneta é portadora do sexo feminino quando o objecto pode assemelhar-se ao símbolo máximo da viridade do pénis erecto que ejacula na página um sémen que viu um arco íris na montra e decidiu comprar por ter ficado fascinado com a escuridão e o paradoxal excesso de luminosidade que o mesmo pode acarretar quando o agarramos pelo colarinho e vemos nos seus olhos a poluição sonora causada pela corrente de pensamento de um negro vitimado pela discriminação racial de um grupo de brancos filhos da puta que nada têm em comum comigo a não ser o facto de também eu necessariamente me construir a mim próprio por oposição ao Outro que nunca será igual a mim em tempos de paz quanto

mais em momentos de sobrevivência em que cada um pode contar consigo e não com aquele que a voz hipócrita do centro diz ser nosso irmão e semelhante no intuito de conseguir manter uma ordem fascista e autoritária que é tão artificial como o indivíduo que defende que o poema pode estar desligado de um propósito político por parte de um autor que ao querer fugir do seu carácter divino acaba por reforçá-lo ainda mais pelo facto de se assemelhar a um profeta da Verdade última que descarta a validade dos murmúrios anónimos emanados pelas ferozes e famintas mandíbulas das piranhas que cozem num caldeirão em ebulição que quer ser o mosaico híbrido onde todos andam de cabeça erguida e têm noção do poder que a sua diferença lhes garante enquanto indivíduos que têm a liberdade para criar o seu próprio caminho ainda que haja sempre a necessidade de recorrer à enferma linguagem sincera e derivativa da comunidade que nos torna ventríloquos mesmo que tentemos encontrar uma cura através da exploração do cómico já que cada novo sentido encontrado passa rapidamente a fazer parte do domínio da repetição sendo isto algo que inevitavelmente nos persegue na nossa demanda pela originalidade e pela expansão da consciência de todos aqueles ainda que poucos ou nenhuns que queiram optar pela leitura de uma poesia que tem o dever de ser difícil para com o indivíduo que vem para o campo de batalha à espera de encontrar a mão amiga do provável e da repetição que os leva a passear pelo zoo de olhos vendados e apenas munido com a espada de diamante que dá

forma ao senso comum que se solidifica em torno da ideia de que ser uma boa pessoa é dar uma esmola e um sorriso a todos os vagabundos que solicitam o seu auxílio mesmo que recorra à linguagem como um escudo que lhe permite pensar no bom senso e na impenetrabilidade da sua generosa mente católica quanto esses drogados imorais porcos marginais mereciam ser apedrejados presos condenados à morte na cadeira eléctrica por se aproveitarem daqueles que sabem o que é o suor do trabalho e estarem constantemente a desestabilizar a ordem pública com os seus assaltos e as suas lamúrias pedinchonas preguiçosas e injustificadas por um pedaço de pão nosso de cada dia nos dai hoje perdoai as nossas ofensas

enquanto poetas que pretendem destapar o espelho pois elas apenas visam romper os tapetes de persas que pavimentam os jazigos dos mortos-vivos quebrar o silêncio de plasticina e fazer soar os ruidosos passos na lama que disseminam no ar em estereofonia e estereoscopia o som espesso e colorido da revolução individual de cada um dos indivíduos envolvidos em chammas inextinguíveis ao aperceberem-se que ainda que ouçamos o que o Outro tem para nos dizer o mundo em que o preto e o branco estão ao mesmo nível em termos de poder só chegará com o fim da História e que a vida não é feita só de jogos de futebol maquilhagem óculos de sol amizade sincera orgulho nacional pedi cure ciência amores eternos utopias neo-colonialismo casas de praia divindades piedosas anéis de noivado cura para o cancro boas intenções celofane prémios Nobel cirurgia plástica

confissões de pecados férias no Brasil objectividade
jornalística autoclismos automáticos vinte valores
roupa de marca políticas de igualdade dias da mãe
finais conclusivos de telenovela inspiração das Musas
Óscares da Academia palmadas nas costas falsos
profetas presidentes americanos negros códigos
davincis e música do Toni Carreira mas também de
muita muita Merda.

Bibliografia

- Anzaldúa, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute, 1999.
- Aristóteles. *Poética*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- Bernstein, Charles. “A-Poética” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 47. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1997.
- Foucault, Michel. *O que é um Autor?*. Lisboa: Nova Vega, 2006.
- Ginsberg, Allen. *Uivo*. Vila Nova de Famalicão: edições quasi, 2008.
- Nietzsche, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Lisboa: Guimarães Editores, 2007.
- Orwell, George. *Mil novecentos e oitenta e quatro*. Lisboa: Antígona Editora, 2004.
- Platão. *Fedro*. Lisboa: Edições 70, 1997.

Índice

| | |
|-------------------------------|----|
| Editorial | 7 |
| Jorge Ruben | 9 |
| Marcio-André | 11 |
| João Luís Pinho | 18 |
| Miro Villar | 19 |
| João Luís Pinho | 22 |
| Fernando Esteves Pinto | 23 |
| João Luís Pinho | 26 |
| Gabriela Rocha Martins | 27 |
| Paulo de Tarso Porrelli | 29 |
| Pedro Afonso | 31 |
| João Luís Pinho | 36 |
| Susana Miguel | 37 |
| Suzana Vargas | 41 |
| João Luís Pinho | 44 |
| Tiago P. Carvalho | 45 |
| João Luís Pinho | 50 |
| Aires Gomes Fernandes | 51 |
| Jorge Ruben | 54 |
| Bruno Santos | 55 |
| Jorge Ruben | 58 |
| Catarina Costa | 59 |
| Célia Gonçalves | 61 |
| Conceição Riachos | 67 |
| Cristina Néry | 69 |
| Jorge Ruben | 70 |
| Emiliana Cruz | 71 |
| Fátima Almeida | 73 |
| Jorge Ruben | 75 |
| João Rasteiro | 76 |

| | |
|-------------------------|-----|
| Jorge Ruben | 80 |
| Licinia Regateiro | 81 |
| Luís Altério | 83 |
| Jorge Ruben | 84 |
| Margarida Amorim | 85 |
| Paulo Pego | 87 |
| Ricarda Melo | 89 |
| Jorge Ruben | 92 |
| Rita Grácio | 93 |
| Sandra GD | 95 |
| Jorge Ruben | 97 |
| Teresa Fonseca | 98 |
| Jorge Ruben | 100 |
| João Guimarães | 103 |

ISSN 1645 - 3662



9 771645 366004 >